

MAÇONARIA FEMININA



ε

FEMINISMO



ROBERTO AGUILAR M. S. SILVA
EMBRO VITALÍCIO DA ACADEMIA MAÇÔNICA DE LETRA
DE MATO GROSSO DO SUL, BRASIL



A MAÇONARIA FEMININA E FEMINISMO



Roberto Aguilar M. S. Silva

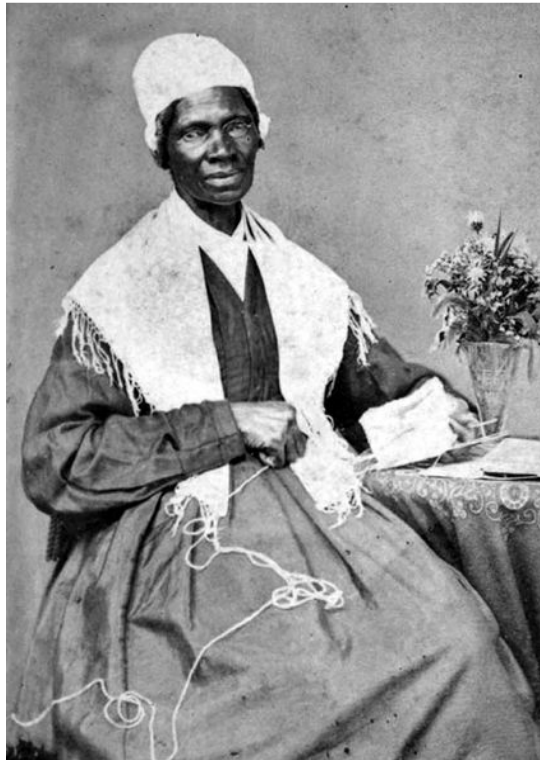
Membro Vitalício da Academia Maçônica de Letras



de Mato Grosso Do Sul, Brasil

O Feminismo é um discurso intelectual, filosófico e político que tem como meta direitos equânimes e uma vivência humana liberta de padrões opressores baseados em normas de gênero. Envolve diversos movimentos, teorias e filosofias advogando pela igualdade para homens e mulheres e a campanha pelos direitos das mulheres e seus interesses. A história do feminismo pode ser dividida em três “ondas”. A primeira teria ocorrido no século XIX e início do século XX, a segunda nas décadas de 1960 e 1970, e a terceira teria ido da década de 1990 até a atualidade. A teoria feminista surgiu destes movimentos femininos e se manifesta em diversas disciplinas como a geografia feminista, a história feminista e a crítica literária feminista. O feminismo alterou principalmente as perspectivas predominantes em diversas áreas da sociedade ocidental, que vão da cultura ao direito. As ativistas femininas fizeram campanhas pelos direitos legais das mulheres (direitos de contrato, direitos de propriedade, direitos ao voto), pelo direito da mulher à sua autonomia e à integridade de seu corpo, pelos direitos ao aborto e pelos direitos reprodutivos (incluindo o acesso à contracepção e a cuidados pré-natais de qualidade), pela proteção de mulheres e garotas contra a violência doméstica, o assédio sexual e o estupro, pelos direitos trabalhistas, incluindo a licença-maternidade e salários iguais, e todas as outras formas de discriminação. Durante a maior parte de sua história, a maior parte dos movimentos e teorias feministas tiveram líderes que eram principalmente mulheres brancas de classe média, da Europa Ocidental e da América do Norte. No entanto, desde pelo menos o discurso Sojourner Truth¹, feito em 1851 às feministas dos Estados Unidos, mulheres de outras raças propuseram formas alternativas de feminismo.

¹ Sojourner Truth nascida Isabella Baumfree por volta de 1797 em Swartekill, Nova Iorque, na condição de escrava, foi uma empregada doméstica e palestrante norte-americana. Sojourner fugiu para o Canadá em 1827, levando com ela o seu filho mais novo. Em 1829 regressou a Nova Iorque, após a abolição da escravatura nesse estado. Durante mais de uma década trabalhou como empregada doméstica. Nesse período de tempo juntou-se a Elijah Pierson, dando sermões evangélicos nas ruas. Mais tarde tornou-se uma oradora famosa na defesa do abolicionismo e dos direitos das mulheres, sendo particularmente lembrada pelo célebre discurso *Ain't I a Woman?* Em 1841 mudou-se para Northampton, no Massachusetts, juntando-se a uma comunidade utópica (a Northampton Association of Education and Industry). Quando a comunidade encerrou, ela permaneceu em Florence, no Massachusetts, onde trabalhou com Olive Gilbert na produção da auto-biografia *Narrative of Sojourner Truth: A Northern Slave*. Em 1857 Truth mudou-se para o Michigan e aí continuou a defender os seus ideais. Depois da *Proclamação de Emancipação* ela mudou-se para Washington DC, onde conheceu o presidente Abraham Lincoln. Em 1867 voltou para o Michigan e morreu na sua casa em Battle Creek (no dia 26 de novembro de 1883). Em 1983 ela passou a ser representada no *Michigan Women's Hall of Fame*.



Sojourner Truth, cerca de 1862

Esta tendência foi acelerada na década de 1960, com o movimento pelos direitos civis que surgiu nos Estados Unidos, e o colapso do colonialismo europeu na África, no Caribe e em partes da América Latina e do Sudeste Asiático..



Sojourner Truth com Abraham Lincoln

Deolinda Lopes Vieira Quartim, Maçom e Feminista

Filha de doméstica e de caixeiro viajante, Deolinda Lopes Vieira (Pinto Quartim) nasceu na cidade de Beja, em 08 de julho de 1883, e faleceu em Lisboa, em 08 de junho de 1993. Frequentou a escola primária na sua cidade natal e, aos 12 anos de idade, seus pais fixaram residência em Lisboa. Foi nessa cidade que Deolinda cursou a Escola Normal. “Fortemente marcada pela vivência republicana”, teria sido durante a juventude, e por intermédio das obras de Tolstoi, Kropotkin, Élisée Reclus, Sebastien Faure, Jean Grave e muitos outros, que Deolinda teria encontrado “o fundamento para as suas opções políticas e sociais”. Tempos depois, conheceu António Pinto Quartim, divulgador do anarquismo e autor de vários livros, além de responsável por projetos culturais e jornalísticos como *O Protesto - Guerra Social* (1908-1909), *Amanhã* (1909) e *Terra Livre* (1913). António teria sido, ainda, o primeiro chefe de redação do jornal *A Batalha* (1919). Deolinda começou a trabalhar como professora na Escola Oficina Nº 1 por volta de 1910. Um ou dois anos depois, acompanhou o marido, António Pinto Quartim, ao Brasil, posto ter sido ele expulso de Portugal devido às suas atividades políticas e sociais no âmbito do anarquismo. Regressou a Portugal em 1915 e voltou a trabalhar na Escola Oficina Nº 1, mas também lecionou em algumas escolas móveis republicanas, que foram extintas em 1930. Em 1919, especializou-se em educação infantil na Escola Normal de Benfica, que era dirigida, naquela época, por Adolfo Lima. A partir de então, trabalhou alternadamente na Escola Oficina e no ensino oficial infantil, então recém-criado. Com a extinção do ensino infantil em 1932, foi transferida para uma escola do ensino primário oficial onde se manteve até à sua aposentadoria, ocorrida por volta de 1939-1940.

Embora a sua vida atravessasse a transição para a República, o Estado Novo e o regime democrático, ela será fortemente marcada, quer ao nível pessoal, quer profissional, pelo primeiro período. Neste contexto, a trajetória pedagógica de Deolinda Lopes Vieira não se limita a estruturar-se em torno da educação com crianças do ensino primário e infantil, mas reflete de igual modo a sua implicação, não apenas como professora, mas também como mulher refletindo os ideais que marcam em definitivo a sua forma de pensar e estar na educação: a participação ativa num projeto de escola alternativo ao ensino e educação oficiais -*Escola Oficina nº1*- de influência anarquista e libertária, a participação em movimentos sociais feministas, conotados com a ideologia republicana -*Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*- (1914), e Maçônicos -*Loja Humanidade do Direito Humano*- (1923). Participa ainda ativamente em órgãos sindicais como a *Associação dos Professores de Portugal*. É ainda como aluna da Escola Normalista de Alcântara (Lisboa).

Certa vez disse: "*Eu era Normalista de Alcântara, era diplomada para o Ensino Primário. Já naquele tempo procurava ler coisas... éramos todos muito idealistas!* que participa na greve acadêmica contra João Franco (1907). "*Eu já era!* "*Já no tempo da República, antes da República eu era uma entusiasta do Partido Republicano, que era o que naquele tempo agitava...*"

Casou com Pinto Quartim, "nascido no Brasil, filho de pai português e de mãe brasileira", intelectual de origem social burguesa, ativista, defensor e divulgador do doutrinário anarquista, com vários pequenos livros publicados, mas sobretudo responsável por projetos culturais e jornalísticos como os de O

Protesto - Guerra Social (1908-09), *Amanhã* (1909), fundador do jornal libertário *"Terra Livre"* (1913), e primeiro chefe de redação de "A Batalha" em 1919. Por volta de 1912 vai para o Brasil com o marido, que considerado cidadão brasileiro, fora expulso porque ter intervindo na política portuguesa. Ao que parece não foi a primeira vez que tal sucedeu, pois como recorda Deolinda "o meu marido foi grevista na greve de 1907. Foi um dos expulsos. Mas eu não o conhecia!" Regressa em 1915. É mãe da atriz Glicínia Quartim, que à semelhança das suas irmãs e irmão, freqüentou a Escola Oficina nº 1, nos finais da década de 20, princípios da década de 30.

Outra faceta do seu percurso profissional prende-se com a educação infantil. Deolinda Lopes Vieira tirou também o diploma do ensino infantil, em Benfica, "no tempo em que se tirava lá o Curso de professor do ensino infantil"... "foi para mim uma espécie de reciclagem...", tendo trabalhado nas escolas oficiais, nas seções infantis. "a relação é muito difícil (devido ao número de alunos por turma) "Aquilo ou há que trabalhar com disciplina militar

Obra e vida pública

"Ser revolucionário é todo aquele que pretende modificar para o bem... aquilo que nós consideramos o bem!", "Eu considerava-me uma libertária... Eu lia coisas: naquele tempo li muito Tolstoi, Kropotkin, Élisée Reclus, alguns franceses, o Sebastian Faure, o Jean Grave, etc., o que se lia naquele tempo. E foi assim que fui simpatizando não é, sempre com alguma ingenuidade, que os novos têm."

Deolinda Lopes Vieira foi uma das principais figuras da escola Oficina nº 1 e alguém que percorreu de forma ativa o movimento social português do 1º quarto do nosso século, estando também ligada aos primeiros movimentos feministas da altura.

Deolinda Lopes Vieira e a Maçonaria

Foi também Maçom com o pseudónimo de "M^a Amália Vaz de Carvalho". No quadro da Loja Humanidade do Direito Humano, referente a 1926, Deolinda Lopes Vieira figura como uma das irmãs, ao lado de outras mulheres feministas. Tinha 35 anos, casada, professora, natural e com residência em Lisboa, tendo-se iniciado em 1923 com o nome simbólico de Maria Amália Vaz de Carvalho. Nesta medida, se a data da sua iniciação se opera a 1923, isso significa que desde a primeira hora, Deolinda Lopes Vieira, participou nesta organização (depois de uma série de desilusões com o Grande Oriente Lusitano Unido, decide filiar-se numa Organização Maçônica Internacional Mista com sede em Paris. O processo de filiação é reconhecido por carta de 24 Maio de 1923. "As reivindicações que vamos encontrar entre 1907 e 1923 não se alteram significativamente quer na Maçonaria quer no movimento feminista se bem que, neste último, a República tenha satisfeito algumas das preocupações fundamentais.

"Em Portugal manteve-se sempre a tradição de adoção de um nome simbólico quando da iniciação Maçônica. Devia ser escolhido entre uma figura da história

ou da mitologia pelo qual o candidato tivesse uma especial admiração. Se de início tinha a vantagem de esconder a verdadeira identidade dos Maçons, perante as perseguições e devassas da polícia ficou depois como tradição, reveladora, a seu modo, de algumas das características dos candidatos.(...) Os nomes simbólicos que adotam podendo ser figuras nacionais ou estrangeiras representam princípios Maçônicos e cívicos de caráter geral:

Fez parte do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (CNMP), que apesar de declarar estatutariamente não se subordinar a nenhuma escola ou facção filosófica, religiosa ou política, foi inicialmente conotado com a ideologia republicana, devido à presença suspeita de muitas mulheres da Liga das Mulheres Republicanas² e participou no 1º Congresso Feminista e de Educação, em 1924, realizado em Lisboa, de 4 de Maio a 9, no Salão Nobre da Associação dos Socorros Mútuos dos Empregados de Comércio de Lisboa. A Comissão Organizadora do Congresso era constituída por personalidades conhecidas do meio associativo, entre as quais figurava Deolinda Lopes Vieira, como vogal. Neste Congresso Deolinda Lopes Vieira, apresenta uma tese de caráter pedagógico-social "Educação de anormais". Embora o clima político tivesse mudado, o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas ainda conseguiu, em Junho de 1928, organizar o 2º Congresso Feminista Português. Enquanto o país caminhava para um estado fechado, o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas estava, devagar também, a brir e a diversificar-se. As teses apresentadas em 1928 são mais progressistas do que as do primeiro congresso em 1924. Neste Congresso Deolinda Lopes Vieira apresenta uma tese sobre a "Escola Única" - um tema atualíssimo, por causa do decreto nº 13 791 de 16.6.1927, que tinha acabado de abolir o regime de co-educação em quase todas as escolas de ensino primário.

Obediências Portuguesas



GRANDE ORIENTE LUSITANO
Data de 1802 a sua criação, tendo sido Reconhecido pelo Grande Oriente de França em Maio de 1804.
DIREITO HUMANO "Le Droit Humain", Ordem Maçônica Mista Internacional
Iniciou os seus trabalhos em Portugal em 1923.
GRANDE LOJA REGULAR DE PORTUGAL
Fundada em 29 de Junho de 1991, com escritura pública de Associação em 15 de Julho de 1991, 3º Cartório Notarial de Lisboa
GRANDE LOJA LEGAL DE PORTUGAL
Associação criada em 23 de Dezembro de 1996
GRANDE LOJA FEMININA DE PORTUGAL
Fundada em 27 de Março de 1997
GRANDE LOJA NACIONAL PORTUGUESA
Associação criada em Março de 2000
GRANDE LOJA TRADICIONAL DE PORTUGAL
"Jurisdição maçônica" criada em Janeiro de 2004

²"Sob o impulso de destacados membros do partido republicano - Bernardino Machado, Magalhães Lima e António José de Almeida - que a 19 de Fevereiro de 1909 nascerá a Liga das Mulheres Republicanas, cujas feministas da liga constituem no dizer de Ana de Castro Osório "a elite esclarecida do país que pela educação elevarão o povo até elas". Trata-se no fundo de um feminismo de índole burguesa, cuja ação se reduz inicialmente á propaganda política do ideal republicano, sendo o slogan na altura "Trabalhe a mulher pela republica que trabalhará pela sua causa". Em 1914, funda-se o conselho nacional das Mulheres Portuguesas, por Adelaide Cabete. Tratava-se uma instituição de âmbito não só nacional como internacional filiado no Conselho Internacional das Mulheres.

Adelaide Cabete (1867-1935)



Maçom, Médica, professora, pedagoga e militante republicana e feminista

De origem modesta, só iniciou estudos depois de casar (1885) com Manuel Ramos Fernandes Cabete, um sargento autodidata, explicador de latim e grego, que a incentivou e acompanhou naquele propósito. Fez (1890), aos 23 anos, o exame da instrução primária e concluiu (1900), aos 33 anos, a licenciatura em Medicina da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, com a tese *A Proteção às Mulheres Grávidas Pobres*. Como médica, distinguiu-se no apoio às mulheres grávidas, na divulgação dos cuidados materno-infantis (puericultura) e no combate ao alcoolismo, publicando sobre o assunto a obra *Papel que o Estudo da Puericultura, da Higiene Feminina, etc. Deve Desempenhar no Ensino Doméstico* (1913), *Proteção à Mulher Grávida* (1924) e *A Luta Anti-Alcoólica nas Escolas* (1924). Foi professora de Higiene no Instituto Feminino de Odivelas. Como republicana e feminista, desenvolveu intensa atividade militante a favor do estabelecimento daquele regime político e pela dignificação do estatuto da mulher. Colaborou na imprensa feminista da época e, designadamente, na revista *Alma Feminina*, que também dirigiu (1920-29). Promoveu os primeiros congressos abolicionistas da prostituição, participou na fundação da *Liga Republicana das Mulheres Portuguesas* (1909), do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* (1914) e das *Ligas da Bondade*. Foi Presidente da *Cruzada Nacional das Mulheres Portuguesas* e colaborou também na organização do *1º Congresso Feminista e de Educação* (1924). Participou ainda no Congresso Feminista de Gant (1913) e representou o governo português no *1º Congresso Feminista Internacional* (1923) que decorreu em Itália. Desiludida com a nova situação política do país resultante da imposição da ditadura do Estado Novo (1926) partiu para Angola, onde se dedicou sobretudo à medicina.

Adelaide Cabete e a Maçonaria

Iniciada (1907) na loja *Humanidade* (Lisboa), como o nome simbólico de *Louise Michel*, manteve-se sempre ligada àquela oficina, quer no período em que a loja esteve ligada ao Grande Oriente Lusitano Unido (1904-14 e 1920-23), quer quando se tornou independente (1914-20), quer ainda quando aderiu à Maçonaria do Direito Humano (1923).



Usado por Adelaide Cabete

Foi Venerável da loja durante vários anos e Grã-Mestra do Areópago Teixeira Simões (1926).



Túmulo de Adelaide Cabete

Referencias bibliográficas

BARREIRA, L. C. Imprensa de educação e ensino: fonte privilegiada para uma história da educação do trabalhador urbano em Portugal nas primeiras décadas do século XX. <http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/24LuizCarlosBarreira.pdf>. Acesso em 08/Maio/2010.

CENTRO DE INVESTIGAÇÃO E INTERVENÇÃO EDUCATIVA, Deolinda Lopes Vieira Quartim. http://_www.fpce.up.pt/ciie/m_ferreira_DLVQ.doc. Acesso em 08/Maio/2010.

PEDRO, R. P. Adelaide Cabete Homenagem a uma mulher (Diálogos com Helena à beira-rio). http://www.triplov.com/letras/risoleta_pedro/Adelaide_cabete/index.htm. Acesso em 08/Maio/2010.

WIKIPÉDIA. Adelaide Cabete. http://pt.wikipedia.org/wiki/Adelaide_Cabete. Acesso em 08/Maio/2010.